

Teacher who was mutilated by BAs  
returns home after plastic  
surgery.

# Mapinda voltou novo

★ Calor envolvente marca reencontro com a família

por AIM | Diário de Moçambique

N. 22/8/87

Longos abraços e beijos e vigorosos apertos de mão marcaram o reencontro de Joaquim Mapinda com os seus. Ao calor do sol ardente de Metuchira sobrepôs-se, nesse domingo de Julho, o calor humano do pai que revê os filhos, da mulher que recebe o marido, enfim, da família inteira que se sabe de novo completa. Mas por cima da carga emotiva de uma saudade satisfeita, uma surpresa recíproca impôs-se como facto consumado: para o professor de Nhamatanda, mutilado pelos bandidos armados em 1982, o lugar em que foi agora encontrar a sua família não é o mesmo onde a deixara em Abril quando partiu para tratamentos na Suécia. Ao passo que para os seus familiares, vizinhos e amigos, a reconstituição plástica de tecidos mutilados não é só motivo de alegria mas também de espanto: o «impossível» aconteceu.

«Es tu mesmo Mapinda, este que vejo à minha frente?». Atónia, a mulher que o vê chegar a Curra, com o nariz reconstruído, não cabe em si. Pasmada, olha-o fixadamente como se olhasse do seu próprio sentido visual. Ela é a primeira pessoa da zona que vê o professor depois dos tratamentos. Mas é também, na circunstância, a única presença humana que se vislumbra em redor.

Os campos denotam um visível estado de abandono. Machambas com produtos de sequeiro por colher. Celeiros em desordem, sinal de terem sido vasculhados e desprovidos à pressa.

Curra é a graça de um pequeno círculo do distrito de Nhamatanda. Era neste círculo que vivia Joaquim Mapinda com os seus filhos Fernando, de sete meses e Marta, de três anos; a sua mulher Cristiana José, o sobrinho Joaquim Mazungue e a cunhada Marta Daniel. Foi neste círculo que os deixou quando seguiu com destino aos países nórdicos.

«Mas agora todos saíram daqui. Uns foram para a sede do distrito, outros para Metuchira. Saíram por causa dos «matsangaças» (bandidos armados) que por vezes têm vindo criar instabilidade. A tua família encontra-se em Metuchira. Estão todos cerca de quatro meses de ausência, e saber do seu estado. Teve, no en-

Mapinda, que escutou atento e constrangido a informação da velha, suspira fundo. Todo ele é uma ânsia crescente de rever a família, após bons. Nada de mal. A situação está sob o controlo dos nossos soldados», tanto, que suportar mais uma meia hora, que foi o tempo necessário para o «Peugeot» que o levava (juntamente com dois repórteres do jornal «Diário de Moçambique») percorrer a distância de Curra a Metuchira.

Passava já do meio dia quando chegámos ao local. Mapinda, o primeiro a descer, saudou com um «alô» vigoroso o grupo de pessoas que, postadas à frente de uma palhota, observaram a chegada do carro. Depois, na sua nova casa, foram os abraços e beijos e apertos de mão carregados de transbordante emoção.

Dos familiares e vizinhos que se aproximaram, a observação inevitável: «Mapinda voltou novo!». As saudações costumeiras justapunham-se perguntas e mais perguntas que choviam a cântaros, atabalhoadamente. E Mapinda, centro do universo, transbordando alegria por se saber de novo entre os seus, ia satisfazendo a curiosidade geral enquanto a mulher o observava incrédula.

«...No dia 13 de Abril deixei Maputo com destino à Noruega, onde só cheguei no dia seguinte à tarde. No dia 20 visitei museus. No dia 21 fui à cidade de Trondheim, onde estive a trabalhar com jornalistas da televisão, rádio e jornais noruegueses.

E Mapinda falava, falava. Da Noruega e da Suécia, para onde seguiu depois e onde, além de esclarecer a opinião pública sobre os bandidos armados que a soldo do regime do «apartheid» desestabilizam em Moçambique, foi operado em Malmö pelo Dr. Lars Salermark, o mesmo médico que o assistiu pela primeira vez no Hospital Central da Beira depois da mutilação sofrida a 30 de Junho de 1982 na localidade de Savane onde dava aulas.

E estava-se ainda nesta conversa, com o Mapinda a falar da Europa, quando alguém se lembrou que já passava da hora do almoço. E dona



Mapinda revê os filhos: Fernando, sete meses e Marta, de três anos

Nesses encontros falei sobre a actuação dos bandidos no nosso País.

«Depois de Trondheim fui a Stodal, onde tive encontros com professores, estudantes, trabalhadores e jornalistas. O tema era o mesmo: bandidos armados e sua forma de actuar. No total tive uns seis encontros do género».

Cristiana abriu então o seu peito e deixou o coração falar: «Pena não ter muitos produtos para uma grande festa, mas estou muito contente e posso já garantir: a galinha e o pombe (bebida fermentada, de fabrico tradicional) não faltarão. Temos que agradecer aos espíritos que fizeram com que o meu marido viesse já novo dessas terras de muito longe».